

O QUE FAZER QUANDO NÃO ENTENDO A LÍNGUA DO MEU PACIENTE? - RELATO DE EXPERIÊNCIA DO “LIBRAS EM AÇÃO” NA SAÚDE

GLEBERSON DE SANTANA DOS SANTOS¹; ARTHUR RIGHI CENCI²; LETÍCIA BORBA DE SOUZA³; GABRIELA COSTA FERREIRA⁴; CAMILA IRIGONHÉ RAMOS⁵; DAIANA SAN MARTINS GOULART⁶:

¹*Universidade Federal de Pelotas – glebersonsantana@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – arthur.righicenci@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – leticiaborbadesouza07@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – cf.gabriela99@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – mila85@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – daiana.goulart@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua para pessoas ouvintes vem ocorrendo por meio da oferta de cursos em organizações que representam as comunidades surdas – associações e escolas de surdos – e instituições privadas, assim como por iniciativas individuais e por ações vinculadas a projetos de extensão e de ensino nas universidades públicas. No Brasil, em 2006, foi ofertada a primeira graduação em Letras Libras Licenciatura, na modalidade a distância, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nos anos seguintes, algumas instituições de ensino superior passaram a oferecer esse curso de forma presencial e em nível de bacharelado, com enfoque na formação de tradutores e intérpretes de Libras. No entanto, quando se trata do ensino da Libras, embora se tenha avançado em alguns aspectos - destaca-se aqui seu reconhecimento como forma de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras, por meio da lei nº 10.436/02, assim como a criação de cursos de graduação nessa área -, ainda há carências quanto à formação profissional com conhecimento em língua de sinais em diversos âmbitos, considerando as terminologias e particularidades de setores como a saúde, o direito, entre outros.

Na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a Libras é uma disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura e tem sido oferecida como disciplina optativa nos cursos de bacharelado, conforme prevê o decreto 5.626/05. Entre outras palavras, fica a critério dos discentes de outras áreas distintas das licenciaturas optarem ou não por cursarem essa disciplina. Entretanto, é pertinente considerar que quando se trata de inclusão é necessário que os diversos setores da sociedade estejam preparados para receber e saber como se comunicar com as pessoas surdas e, além disso é preciso conhecer as diferenças linguísticas dos surdos, uma vez que em termos legais há pessoas surdas que se comunicam em língua de sinais e compartilham dos aspectos culturais das comunidades surdas e outras que se identificam como deficientes auditivos (BRASIL, 2005).

Na área da saúde, ainda são escassas as iniciativas voltadas para o ensino da Libras, principalmente quando se trata de ações para os profissionais desta área, considerando os sinais e as estratégias de comunicação que seriam utilizadas em contextos de atendimento das pessoas surdas. Reconhecendo a importância de um trabalho voltado para essa área e atendendo a solicitação emanada de alguns discentes, no contexto de práticas de campo, surgiram as oficinas de Libras na saúde.

O estudo de Costa *et al.* (2009) respalda a insurgência do atendimento dessa lacuna nesse âmbito. Após entrevistas com pessoas surdas sobre suas experiências na área de saúde, concluíram a necessidade do conhecimento de Libras por parte dos

profissionais da saúde. Essa conclusão surge das diversas ocasiões relatadas, nas quais a pessoa em atendimento não compreendia a qual procedimento seria submetida ou qual medicação precisaria tomar. Verifica-se uma sistemática violação dos direitos da pessoa surda que, ao acessar o serviço, não tem de modo digno à informação e à preservação de sua autonomia na defesa de sua integridade física e moral, todos direitos garantidos nas diretrizes que regem o Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 1990).

Neste ínterim, Souza e Porrozi (2009) reforçam que o ensino de Libras nos mais diversos cursos da área da saúde traduziria numa atitude de tentativa de inclusão dos surdos como usuários plenos dos serviços de saúde oferecidos à sociedade; para além disso, avançaria no passo a mitigar de certo modo, qualquer nível de diferenças de grupo minoritário, tal como é visto e tratado o grupo de surdos na sociedade atual. Portanto, o ensino de Libras na saúde, segundo a visão dos autores, é uma necessidade premente.

Em função disso, o projeto Libras em Ação na Saúde vem capacitando estudantes desta área a conduzirem atendimentos em Libras, comprometidos com o cuidado integral ao usuário do serviço de saúde baseado no diálogo que ofereça acolhimento, atenção, respeito e ao mesmo tempo considere o sujeito surdo como único, cuja comunicação seja realizada entre paciente-profissional da saúde, sem que haja necessariamente a interlocução de outros profissionais intérpretes, os quais em sua maioria são familiares (MAZZU-NASCIMENTO *et al.* 2020).

O presente trabalho trata-se de relato de experiência acerca das oficinas de Libras aplicada para área da saúde; projeto este intitulado Libras em Ação, ofertadas para estudantes da área da saúde da UFPel. O objetivo deste trabalho é, portanto, descrever as ações realizadas durante as oficinas aplicadas aos mais diversos contextos do campo da saúde, com foco nas necessidades do(s) usuário(s) surdos dos sistemas de saúde, tanto da rede de atenção primária, quanto secundária ou terciária. O trabalho se justifica por sua relevância social; pela necessidade de inclusão das pessoas surdas ao acesso integral aos sistemas de saúde, possibilitando para que lhe seja conferida dignidade, no mínimo, por meio do acolhimento, respeito e atendimento à proteção social.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As oficinas de Libras para área da saúde, ação de ensino, pertencem a um projeto de extensão guarda-chuva que integra ações de ensino, pesquisa e extensão, voltadas para estudantes como também a comunidade surda e ouvinte, sobretudo, familiares de crianças surdas. Com isso, esse projeto, cuja ênfase é extensão, tem como objetivo desenvolver ações que contemplam a divulgação e o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em diferentes áreas, bem como para acessibilidade linguística das pessoas surdas em diversos contextos de comunicação.

A concepção das oficinas foi iniciativa de um grupo de alunos do curso de bacharelado em Medicina que cursou a disciplina de Libras I durante o semestre de 2023/2. Ao perceber a importância da comunicação por meio da língua de sinais, esses alunos solicitaram para que a professora realizasse um Minicurso de Libras no setor de Emergência Médica, durante a XXXIX Semana Acadêmica de Medicina. Após a realização desse minicurso, alguns alunos demonstraram interesse em dar continuidade ao aprendizado da Libras aplicados à saúde; demanda esta que se estendeu aos variados cursos da saúde ofertados pela instituição. Atualmente, próximo do final do semestre de 2024/1, o projeto já abrange estudantes de diversos cursos: medicina, enfermagem, psicologia, enfermagem, nutrição e terapia ocupacional. Os

encontros acontecem uma vez na semana, no prédio da Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional - FAMED, e tem duração média de duas horas.

Como se trata de uma formação voltada para a comunicação com as pessoas surdas na área da saúde, entre os conteúdos trabalhados durante as oficinas estão: a comunicação para o atendimento na rede de atenção básica ao paciente surdo; sinais de sintomas e doenças, de exames e demais procedimentos necessários a um eventual atendimento em um serviço de saúde com toda comunicação em Libras.

É importante frisar que didaticamente, para melhor compreensão dos mais variados contextos de atendimento multiprofissional, nas oficinas são empregados jogos, brincadeiras lúdicas, dinâmicas individuais e em grupo e atividades utilizando técnicas de *role-play*. Esta última técnica, também conhecida como dramatização, favorece o desenvolvimento da aprendizagem e da prática de habilidades sociais, por meio do trabalho respostas adaptativas e a reestruturação de crenças e pensamentos. Tem sido utilizada na consolidação do conteúdo aprendido em sala de aula.

O ambiente de aula torna-se uma experiência de imersão na língua de sinais aos alunos da área da saúde vinculados ao projeto. Tais dramatizações são gravadas por meio de equipamentos multimídia, editados por alunos(as) do curso de comunicação com habilitação em jornalismo como também de cinema e animação. O material final é transmitido através das redes sociais e difundido para a comunidade geral. A proposta final será formar um canal geral de comunicação para profissionais da área da saúde e a formação de cartilha a ser distribuída de maneira impressa aos profissionais ligados às redes de atenção à saúde.

Além dos conteúdos básicos e de nivelamento aos novos ingressantes do curso, como alfabeto, números, dias da semana, membros da família, estações do ano entre outros temas, os conteúdos mais focados na área da saúde relacionam-se às profissões que permeiam a área, ambiente hospitalar e de saúde em geral, sintomas, hipóteses diagnósticas, tipos de doenças, sejam de natureza fisiológica quanto psicológica.

Tais conteúdos contribuem sobremaneira aos alunos a revisitarem os conhecimentos adquiridos durante o curso de origem e a socializar com os demais colegas de outros cursos e implicar no contexto da língua de sinais, tanto no contexto de convenção nacional, quanto nas particularidades regionais (Estado do Rio Grande do Sul) e até mesmo local, no caso de Pelotas. Para que essa articulação seja respeitada, os sinais são referendados na escola de surdos.

Um aspecto importante que merece ser mencionado, refere-se às consultas e pesquisas dos sinais da área da saúde que são utilizados pela comunidade surda de Pelotas e a participação de alunos surdos da UFPel, geralmente vinculados, mas não necessariamente, ao curso de Licenciatura em Letras com Libras. A participação de alunos surdos em algumas oficinas conferem um tom de legitimidade e aprovação por *expertise* na língua de sinais. Sua presença vai além do campo da “aprovão” da língua; muitas vezes eles(elas) congregam suas experiências e vivências pessoais nos ambientes de saúde, suas angústias, sentimentos e até mesmo frustrações. Pois, conforme Freire (1992, p. 85-86) estes sujeitos “trazem consigo compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática, na prática social de que fazem parte. Sua fala, seu modo de contar, de calcular, de seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as atividades de formação e divulgação feitas pelo projeto, conclui-se que é uma importante ferramenta propulsora da Libras em Pelotas/RS,

especialmente quando se trata de um trabalho voltado para área da saúde, onde as iniciativas ainda são escassas. Os impactos de uma comunicação em Libras na área da saúde são inúmeros e vão além do uso da língua de sinais; envolvem a construção de uma política de acessibilidade linguística nessa área, discussão de extrema importância quando se trata da inclusão das pessoas surdas em todos os espaços sociais.

As oficinas de Libras para alunos da área da saúde tem como objetivo preparar esses futuros profissionais para o atendimento de pessoas surdas por meio da língua de sinais. Além disso, o contato com diferentes expertises, os alunos surdos da UFPel, durante as oficinas e demais ações de levantamento dos sinais, nas rodas de conversa sobre o atendimento dos surdos no sistema de saúde, nos eventos e reuniões na escola de surdos de Pelotas, vem possibilitando uma aproximação dos alunos com as reais necessidades desse público. Tais aproximações geram novas demandas e outras expectativas de direcionamentos para o projeto. Entre essas iniciativas destacam-se, a necessidade de convenção de sinais para termos da área da saúde, criação de materiais informativos e de divulgação da Libras no sistema de saúde local, ampliação da oferta das oficinas para estudantes de outros cursos da saúde, oferta de formação para a comunidade externa, ampliando para as redes de atenção à saúde.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, 2005. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, 2005.

BRASIL, 1990. **Lei Nº 8.080, de 19 de setembro de 1990.** Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990.

COSTA, L. S. M. da; ALMEIDA, R. C. N. de; MAYWORN, M. C.; ALVES, P. T. F.; BULHÕES, P. A. M.; PINHEIRO, V. M. O atendimento em saúde através do olhar da pessoa surda: avaliação e propostas. **Rev Bras Clin Med**, v. 7, p. 166-170, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245 p.

MAZZU-NASCIMENTO, Thiago *et al.* Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos. **Audiology-communication research**, v. 25, p. e2361, 2020.

SOUZA, M. T. de.; PORROZZI, R. Ensino de libras para os profissionais de saúde: uma necessidade premente. **Revista Práxis**, v. 1, n. 2, 2009.